3 1761 07042382 7

PQ
9261
R75R6

RARIA UNIVERSAL
SILVA JUNIOR
LISBOA

ROBERTO

OU

A DOMINAÇÃO DOS AGIOTAS.

ROBERTO

OU

A DOMINAÇÃO DOS AGIOTAS

POEMA HEROI-COMICO

POR

MANOEL ROUSSADO

PARODIA AO NOTAVEL POEMA DE THOMAZ RIBEIRO

D. JAYME OU A DOMINAÇÃO DE CASTELLA.

LISBOA

TYP. DA SOCIEDADE TYPOGRAPHICA FRANCO-PORTUGUEZA

6, Rua do Thesouro Velho, 6.

1862

PQ
9261
R75R6

LIBRARY
FEB 3 1968
UNIVERSITY OF TORONTO

Oeuvres
de Mr Piron

AO SEU PARTICULAR AMIGO

PEDRO DE MEDEIROS E ALBUQUERQUE

OFFERECE

O auctor.

AO LEITOR

As cartas que se vão ler mostram que o — *Roberto ou a Dominação dos Agiotas* — foi escripto por um amigo sincero do author do notavel poema — *D. Jayme ou a Dominação de Castella.* —

Depois do muito que se tem escripto ácerca deste ultimo livro acho indispensavel a publicação das seguintes cartas, afim de que nem

levemente passe pela cabeça de alguem, que a parodia é um desacato ao poema que elevou Thomaz Ribeiro a um distinctissimo logar entre os primeiros escriptores deste paiz.

Meu caro Thomaz Ribeiro.

Cumpri a minha palavra. Quando se afastou de Lisboa, ao dar-me o abraço de despedida, pediu-me, que não desistisse da idéa, que eu tinha, de parodiar o *D. Jayme;* lembram-me, mas não as repito, as palavras lisongeiras, com que me recommendou, que escrevesse um poema comico. Ahi está o fructo das suas instancias, e da minha promessa; remetto-lhe o original do meu *Roberto:* diga a respeito delle duas palavras.

Todos por aqui teem prestado o seu culto ao *D. Jayme*, eu presto-lhe o meu parodiando-o, porque não se parodiam senão as obras notaveis.

Receba um abraço muito apertado do

seu sincero amigo

M. Roussado.

Lisboa, 2 de outubro
de 1862

Amigo Roussado.

Não sei quantas vezes li já o seu *Roberto*, e maldigo a pressa com que tenho de reenviar-lh'o.

Sabe tão bem a amisade que eu lhe consagro, como eu sei quanta lhe devo: pois bem; essa amisade não me cega, e quero que me tenha por insuspeito, quando lhe digo, apertando-lhe a mão: o seu poema é um formoso trabalho, e tem alguns trechos admiraveis!

Não sei se o meu juizo é competente, mas é este.

Regosijo-me, de que o meu *D. Jayme* e as minhas instancias concorressem para que Portugal possua em breve este bonito poema.

O seu nome, já vantajosamente conhecido na republica das letras, vai com este livro adquirir uma nova e immorredoira gloria.

Bem vindo pois o seu — *Roberto ou a Dominação dos Agiotas* — e com elle mais um testemunho do que temos a esperar do seu talento.

Creia que o saúdo com enthusiasmo, porque sou

seu sincero admirador e amigo

Thomaz Ribeiro.

Vizeu, 10 de outubro
de 1862

A LISBOA

Minha Lisboa, meu amor gentil,
casquilha dama de fallar pedante,
ama de leite de poetas mil;
meu *Gremio Litterario* fulgurante,
litterario porém na bisca vil;
meu theatro normal sempre em vasante,
minha noite ventosa do passeio,
sereis até á morte o meu recreio.

Quem desdenha de ti, ai! ladra á lua,
ou nunca viu as tuas *Lolas-Montes*,
ou nunca ao pôr do sol, na praça tua,

viu negros de poeira os horisontes;
d'inverno ondas de lama em cada rua,
as biqueiras correndo como fontes,
nem de teus anjos, divinal cidade,
sorveu n'um beijo nuvens d'alvaiade.

Tres testemunhas tens, que ao mundo inteiro,
Grandes hão de levar-te a ingente gloria,
Tanas, o *Joãosinho* e o *galheteiro;*
Tanas, fez-te n'um *poço* a nobre historia,
Joãosinho, o famoso, e audaz guerreiro,
do mar tira um brazão d'alta memoria,
— *vide* os nobres feitos do soldado
nos longos relatorios do pescado.—

Joãosinho na lida porfiosa,
cançado de correr largos desvios,
vem descançar da vida gloriosa,
brincando co'os peixinhos dos teus rios;
pois quando n'outra idade mais ditosa,
lhe deste á escolha o premio dos seus brios,
mais louros quiz pescar; co'a rede e sondas,
brandiu a espada illustre sobre as ondas.

Do *Borratem* ouviste o seu lamento,
ó triste e solitario galheteiro!
Tens por estatua o sibilar do vento,
por adorno as golphadas de agoaceiro;
depois que te alagou n'um só momento,
o patriota *poço metingueiro*,
se nú ficaste assim tão indecente,
por ti ficou vestida muita gente.

Por ti só canto, meu amor gentil,
casquilha dama de fallar pedante,
ama de leite de poetas mil,
meu *Gremio Litterario* fulgurante,
litterario porém na bisca vil;
meu theatro normal sempre em vasante,
em premio deste meu cantar primeiro,
ó patria, não me faças conselheiro!

CANTO I

CANTO I

Flôres da Baixa

As flôres da Baixa são falsas, mas bellas,
arômas d'almiscar, pintadas as côres,
os *pés* encolhidos, *d'arroz* são as *folhas*,
suspiros fingidos, de *cassa* os *amores*.
quereis um raminho, leitor namorado?
pois ide ás modistas ahi do Chiado.

Como és tão fresca e formosa
minha praça da Figueira!
tão verde, tão buliçosa,
tão animada e cheirosa,

em noites de São João!
como gallego enfeitado,
em dias de confissão;
com seu collete encarnado;
sobre agudos collarinhos,
chapéo redondo apoiado;
e um mar de mil quartilhos,
na barriga encapelado;
tendo na mão e no peito,
dois ramalhos de alecrim!
Não achaes o quadro bello?
Da praça a festa é assim.

Junto á praça da Figueira,
mora a familia Aguiar,
n'um pequeno quarto andar,
de tres janellas sómente.
Era a casa frequentada,
de gentinha impertinente,
desses visinhos da escada,
que visitam noite e dia.

Esta familia Aguiar,
ali móra ha já muito anno;

faz agora o sexto inverno,
o num'ro, se não me engano,
é trinta e cinco moderno.
Tem á porta na hombreira,
alvas cruzes de parteira;
e tem mesmo ao pé da porta
uma loja de capella,
com mulheraça tão bôa,
que não se encontra mais bella,
n'outra rua de Lisboa.

José Pedro d'Aguiar,
realista capitão,
no pequeno quarto andar,
era quem pagava o pão.
'Stava em cima o cabralismo,
tornado por despotismo,
cutello de demissões;
e elle, o bom capitão
das hostes de Dom Miguel,
chorando os tempos passados,
da cacetada a garnel,
alguns patacos ganhava,
n'um cartorio de escrivão,

e só prazer encontrava,
nos artigos da *Nação*.

Guardava como encantada,
em secreta gavetinha,
fitinha azul-encarnada,
como cabello de filha,
ou carta de namorada;
e nunca passava um dia,
que elle a deixasse de vêr.
Desdobrava-a sobre a meza,
mirava-a, doido de amôr,
e apertando-a no pescoço,
e puxando-a bem co'os dedos,
como se fôra enforcar-se,
lá segredavam segredos,
rezando por intenção,
do caro Telles Jordão.

E ao dizer-lhe o—*adeus extremo*,
fechando-a na gavetinha,
sempre uma gôta cahia,
no seu emblema de fé,
que a mente não adivinha,

se era pranto que vertia,
se era pingo de rapé.

Mas seja pranto de dôr,
seja pingo do nariz,
sempre uma nodoa castanha,
na amada fita nascia
no dia seguinte o velho
igual scena repetia,
E o—adeus—lhe prespegava
outro pingo em cima della;
de modo que a tal fitinha,
'stava pedindo barrela.

Porém agoa era infamante
na fita azul-encarnada;
se fosse um dia lavada,
sómente em sangue o seria,
se não vae á lavadeira,
não é por economia.

Dois filhos tinha o bom velho,
orfãos de mãe gastadora,
e má rez. Gemios, espelho,

dos dotes da tal senhora
eram esses dois rapazes;
que a esposa, morta de parto,
nas finaes horas tremendas,
por deixar de si lembrança,
lhe largára aquellas prendas.

Roberto, o peior dos dois,
era bonito e bem feito;
alto, mui largo do peito,
bigode preto-carvão;
sempre ás ordens de cupido,
a todas fazia a frente,
tinha a fama de atrevido,
passava por maganão.

Andando sempre na *pandega*,
largos calotes pregava,
tambem azas apanhava,
mas da femea do perú;
se á noite ía á *espelunca*,
que a decencia escandalisa,
jogava a propria camisa,
e chegava a casa nú.

José, esse era um hypocrita,
gesto meigo, olhar sereno,
fallar pudibundo e ameno,
maneiras de sachristão;
de corpinho á boa vida,
seguia pela calada,
o trilho do seu irmão.

Taes as duas bellas joias,
que o pobre pae educou,
essas duas obras posthumas,
da serpe que se finou.

—«Rapazes, a noite é linda,
e a praça jaz apinhada,
vamos, na rua, fujamos,
de portas e tectos, paredes e escada.

Quem póde esta noite de Junho tão quente,
ouvindo na rua tão grande folia,
em casa mettido ficar indolente,
sem ir ser pisado da malta bravia?

Eu velho mal vejo com olho invejoso,
as moças vermelhas que endoidam d'amor,

irá pois comvosco este velho gotoso,
saudar São João,
que a todos diverte,
na praça vestido de mato cheiroso,
saudar São João
com rôxo licôr.»—

. . . . . .
. . . . . .

Assim desceram gritando,
todo aquelle quarto andar;
os filhos rindo e saltando,
e o pae tambem a saltar;
tambem como elles pertende,
os degráos que não são baixos,
a quatro e quatro galgar;
dá nas portas encontrões,
e vae sempre resmungando:
—«vocês não podem andar,
que vergonha, mandriões!»—

E a vísinhança da escada,
clama ouvindo os taes sandeus,
—«que santos brutos, meu Deus!»—

Inda bem não chegava á rua o velho,
e dava o derradeiro trambolhão,
já Roberto e José tinham fugido,
deixando só e triste o capitão.

Foi á praça o pobre velho,
foi sentar-se ao pé do poço,
enchendo o vasio da alma,
com pitadinhas do *grôsso*.

Vou desenhar um retrato,
inda que seja a carvão,
que vos dê os traços feios,
dos filhos do capitão.

Um dia..... quando não sei,
fui fazer uma visita,
ao conselheiro Amaral,
da minha antiga amizade,
casa que fôra algum tempo,
das ricas de Portugal.

Achei-a toda despida,
do que houvera ali de fino,

salas nuas, vidros sujos;
como casa com escriptos,
que espera novo inquilino.

Vi-lhe os papeis já rasgados,
sem tapetes os sobrados,
sentí máo cheiro no ar;
quatro cadeiras quebradas,
as portas desconjuntadas,
e as taboas já despregadas,
dos tectos a desabar.
E perguntei: — «o que é isto,
o conselheiro opulento,
deixa a casa entregue ao vento,
e vae distante morar?...» —

Certo agiota matreiro,
n'esta casa se metteu,
e ao dono algum dinheiro,
com pouco juro off'receu;
de Amaral o genio espreita,
o seu genio ao delle ageita;
a sua offerta renova,
(o conselheiro rejeita)
insta, supplíca, e venceu!

Já vae recebendo o juro,
que multiplica a vapor,
quando empresta quatro contos,
de vinte se faz credôr.
As quantias emprestadas,
são já sommas avultadas,
e o amigo não recua.
Todos os bens possuindo,
mesmo as joias da senhora,
faz-lhe em casa uma penhora,
e tudo lhe põe na rua.
Sairam as carroagens,
os bellos trastes doirados,
fecharam-se aquellas salas,
despediram-se os creados;
e o nosso bom conselheiro,
já sem um pinto de renda,
ás vezes, quem tal diria!
almoça quando merenda.
Que o agiota matreiro,
em tres annos e um dia,
roubou tudo quanto havia,
sem ter crime de ladrão.

São como o tal agiota
os filhos do capitão.

Ia chegando á praça o rancho immenso
das sobrinhas do nosso capitão,
com sete primos namorados dellas;
no couce desta alegre procissão,
a descuidada mãe, e o pae sisudo.
Quem quizer alegria verdadeira,
vá uma noite á praça da Figueira.

E novos e velhos ao ver José Pedro,
como se topassem o grande Alcaparra,
pararam de prompto, cercaram-n'o logo,
e todos gritaram fazendo algazarra.

—Tio Zé Pedro.—Tio Zé Pedro.—
—Venha d'ahi em charola.—
—Compre peras. —Um palmito.—
—Dois grilos. —Uma gaiola. —

Assim se exclamava em côro,

e o ranchinho folgasão,
puchava as pernas e os braços,
do atordido capitão.

Quem soffreu já *troça* igual,
tão doida, mas não por mal?

Estas palavras desprende
José Pedro d'Aguiar,
para as furias abrandar:

— «Com que então vejo aqui sete sobrinhas,
que nem a benção pedem ao seu tio?»—

— «Sua benção, meu tio... »—

— «A boas horas! O seu tio, sobrinhas,
quando vê suas bençãos desprezadas,
já não compra cerejas, nem queijadas.»—

—«Sua benção, tio, —sua benção, tio.—
— «Que endiabradas que estão! Vosso pae
como ha de achal-as bem!...
elle não vem?»—

—«Aqui estou, meu amigo, envergonhado
por não lhe ter fallado.
Porém... meu José Pedro, a sorte ás vezes,
ai! faz-nos dar tão grandes cambalhotas...
Eu tenho rebatido os ordenados,
e os duros agiotas,
foram, valha-me Deus, os meus peccados.

Para o Rio de Janeiro,
hei de hoje mesmo embarcar,
não o disse a esta gente
que não a quiz desgostar.

Para descanço d'est'alma,
vou a familia testar.

Deixo a minha mulher á Providencia,
filhas Caetana e Carmo á sorte amiga,
Cath'rina e Rosa á provida Clemencia;
muito melhor Camilla ficará,
pois deposito a filha tão amada
nas protectoras mãos do—*Deus dará;*
deixo Roberta á divinal mercê,
e deixo a Ch'ristininha... a voc'mecê.»—

Do pae a lista sentida,
findou na filha que adora,
enchugou pezada lagrima,
disse — *adeus* — e foi-se embora.

Julgae as scenas seguintes,
a tão grande trapalhada,
que eu na praça da Figueira,
não quero maior massada.

CANTO II

CANTO II

Os incendios do coração

Que edade tão divertida,
a dos vinte annos! — Não é?
levada aqui em Lisboa,
no Passeio e no *Café;*
em que a genebra amortece,
a luzinha da razão;
em que uma ternura chronica,
nos diverte o coração;
em que o joven tem namoros
nas salas e no balcão,

castanhos, negros e loiros...
até no sujo saguão.

Dos vinte annos a folia,
quem pôde roubar-m'a assim?
Que é dos olhos com que eu via,
em cada mulher pintada,
uma face avermelhada
de casto rubôr por mim?
Sem saber que era arranjado,
co'a fina comprada côr,
e que a droga do logista,
me dava as horas de amor?
Que é do tempo em que chovia,
sem eu procurar abrigo?
Em que eu feliz encontrava
um chupista em cada amigo,
um credor a cada esquina,
no Passeio, e no *Café?!*...

Que idade tão divertida,
a dos vinte annos! — Não é?

Era uma alcova de bom pé direito,

cama de ferro, e não das mais em conta;
uma janella só, baixa, e de peito;
a tres cadeiras a mobilia monta.
Pelas portas o fato pendurado,
e pontas de cigarro no sobrado.

José sentado na cama,
no joelho o cotovello,
c'o a mão esquerda puchava
as ondas do seu cabello.
Na sesão da poesia,
com lapis mal aparado,
em pardo papel fazia,
versinhos de pé quebrado.

Sobre a cama estatelado,
postos os pés na parede,
sem um trapo no pescoço,
o cabello desgrenhado,
Roberto roia as unhas,
curtindo um negro cuidado.
De quando em quando raivoso,
batia vertiginoso,

na parede co'os tacões.
No seu roer desesp'rado,
os seus males se mostravam
e as pobres unhas pagavam
as intimas afflições.

Em uma taboa forrada,
posta sobre uma cadeira,
oh! que linda engommadeira,
engommava uma camisa!
era a nossa Christininha,
a sobrinha do Carrilho;
como está tão fresca e bella!

Vaes queimar esse peitilho,
se aos dois rapazes dás trélla.

Emfim Roberto o silencio,
d'esta maneira quebrou:
—«que fazes tu ó José?»—
José o lapis largou,
respondeu com voz sumida:
—«Singela trova sentida.»—
—«Deixa lá vêr essa asneira.»—

— És pateta! Ouve o meu canto,
— elle é:

Flôres d'algibeira

Sterlinas libras que dominam bellas,
ai! amarellas, de tão linda côr;
tem atrativos e são convincentes,
são eloquentes expressões de amor.

A meiga libra sobre nós derrama
lucida chamma, sem o ardôr que mata,
tel-a no bolso é dos mortaes a gloria,
pois a Victoria com primor retrata.

Que amenidade, se nas algibeiras,
tinem fagueiras, alentando as fibras,
se ha céo na terra, se ventura ha n'ella,
na face bella se achará das libras.

Filhas do oiro, bem como o oiro puras,
de mil venturas corretoras bellas,
se a sorte grande me saísse um dia,
ai! que folia me não davam ellas!

Se desgraçado pelo amor trahido,
já tens sentido pela vida o tédio,
ai! não te mates, comprarás cautellas,
nas amarellas acharás remedio.

Pobre viuva, em soluçar dorido,
vendo estendido seu marido morto,
embora a dôr lhe despedace as fibras,
herdando libras logo tem conforto.

Lá quando a morte resfriar meu coiro,
cubram-me d'oiro meu gelado cólo,
na tumba escura já eu seja, embora,
saltando fóra, dançarei um sólo.

—«Esse canto d'algibeira,
entre nós vae muito bem,
aqui 'stamos *á divina*,
ha seis dias sem vintem.
Tambem não tenho cuidados,
dão-me comer e cigarros...—

—«Ah! Roberto não desfarces
para cá vens de carrinho;

andas tão amarellinho,
conta para ahi o que tens.
Não queres? Pois vou contar-te,
o que inda esta noite vi:

«Deu meia noite,
dois fosforos esfregaste;
accendendo a lamparina,
te levantaste em seroulas,
minhas calças enfiaste,
vestiste a minha quinzena,
do pai pozeste o *bonet*,
e quatro vintens levaste,
neste meu *porte-monai*.
Lá foram pela cancella
o dinheiro co'a *farpella*.

. . . . . .

Era quasi manhã quando voltaste
cheio de terra e pó até aos olhos,
e logo que no somno bem pegaste,
ergui-me, pé ante pé,
fui tiritando com frio,

abrir o *porte-monai*,
encontrei-o já vasio!

Depois levaste d'um somno
seis horas mais um minuto,
almoçaste como um bruto,
e estás ahi feito um mono.
Nada mais sei nem pergunto,
mas bem vês....» —
—«Que sabes muito,
mas inda não sabes tudo.
Não saias minha irmã, senta-te ahi,
eu não tenho segredos para ti.

«A feira de Belem, fui ha dois annos,
do nosso bom Moraes em companhia;
saltamos nas queijadas. Quando entramos
na barraca da Chica, lá entravam
um ratão com seus filhos;
e logo ali disseram, quem não sei,
que de todos fidalgos conhecidos,
eram irmãos, e primos, e sobrinhos,
e tinham por herança dos avós,
excellencia de lei.

Chamava-se Francisco Perdigão
o pae que fôra capitão da Carta,
do Joãosinho tambem major pimpão;
era agiota e bruto e conselheiro,
e d'olho o tinham já para barão.
Tinha elle a presumpção de bem fallante,
era mais rico ainda que o *Pão quente;*
se fallavam n'um conde—é meu parente—
acudia o conselheiro.
E já por de seus paes costume antigo,
só era da barriga um bom amigo.

Tinha dois filhos, homens já barbados,
um Camillo, outro João,
dois pedantes dos mais aprimorados,
olhavam para mim com insolencia,
pois eu estava vestido com decencia.

Resta fallar aqui d'uma carinha,
d'uns olhos, d'uma bocca, e d'um nariz,
d'uns braços, d'um pescoço, e d'uns cabellos,
que a Bernardi não tinha mais gentís.

Cabellos em bandós, fartos e grandes,

de nariz bom pedaço mas bem feito,
era miope, e quando me fictava,
as palpebras cerrava com tal geito....

Comeu com tanta graça dez queijadas,
com tal mimo bebeu licôr de rosa,
tal sorriso me deu limpando os labios,
que fiquei dessa luz a mariposa.

A filha do conselheiro,
que tão bonita nasceu,
estava ali perdidinha,
por este creado seu.

Sobre as queijadas de Cintra,
fallava com tal primôr!
os olhos que me deitava,
faziam-me um tal ardôr!

Enlevado em seu sorriso,
eu era um baboso ali;
na barraca um paraizo,
junto á Chica uma houri!

Não sou de meias medidas,
de meios termos não sei;
amo só por atacado,
eu sou assim—todo amei.

. . . . . .
. . . . . .
. . . . . .
. . . . . .

Que tempo se passou, em quanto nós
no *omnibus* viemos, não n'o sei;
depois, do Pelourinho,
atrás della segui té o seu ninho,
que é no largo do Carmo. Entrou; parei.

Com nosco veiu ter,
Francisco Perdigão;
temendo os miliantes,
que o seguem tão constantes,
da barraca da Chica,
té ao largo do Carmo!
Tinha razão.

E perguntou:—que estão aqui fazendo?—

quiz responder por mim o bom Moraes,
que de mêdo ficou logo tremendo.
Tudo contou n'um minuto,
do nosso amor. Forte bruto!
Té foi dizer o nome de meus pais.

Redarguiu-lhe o conselheiro,
que logo vira quem era,
um pé fresco, um sevandija,
que o nosso pai conhecia,
por ser um grande brejeiro,
um miguelista vil, um caloteiro.

Eu co'a face afogueada,
respondi-lhe que mentia;
que descompôr o meu pai,
obra não era tão pouco arriscada,
que alguem a fizesse
sem cara quebrada.

E nisto cá dentro,
senti alvoroto,
d'ouvir o marôto,
fallar de meu velho.

Aquella cara estanhada,
como estava assim ficou,
e sómente resmungou:
—então não querem ouvir?
diz este grande patife,
que as ventas me vem partir!—

—Sôr barão, ou quer que seja,
peça a Deus, que eu não lhe dê,
com estes dedos na cara;
pois se lhe prego uma sova,
abre co'os ossos a cova.
Mas estão ali seus filhos,
com fumaças de valentes,
a esses posso mostrar-lhes,
como se quebram n'os dentes.

Co'os filhos me não peguei,
que a sentinella nos via,
mas disse:—vou para casa,
passo pela Cotovia.—

Pela calçada do Duque,
parti logo como um raio:

tomo ao Rocio, Passeio,
Annunciada, Alegria,
subo as escadas, e paro,
no cimo da Cotovia;
eu só, ninguem mais havia,
nesse deserto logar,
agoa a cantaros chovia.

Correram tres quartos d'hora,
quatro cigarros fumei,
pensando nos meus amores,
e pedindo a Deus por *ella*,
e já com dôr na canella.
Olhava em roda—chovia,
e nem viva alma se via.
'Stavam talvez recolhidos,
os dois illustres pimpões.

Mas a chuva aliviava
começavam n'os pregões,
do gemebundo aguadeiro.

Voava o tempo ligeiro,
não tinha nuvens o céo,

e ninguem vinha. Por fim,
sinto patadas de burro,
e um vulto me appareceu,
ao longe; e vem para mim,
burro não, mas um gallego,
de seu barrete encarnado,
onde as orelhas se escondem.
Tinha as faces allagadas,
e as calças arregaçadas.
Parou e fallou-me assim:

— Boas noites *sô xanota.* —
— Adeus rapaz, quem procuras? —
— *Sô* Roberto d'Aguiar. —
— Eil-o aqui, podes fallar. —

— Trago aqui... —

D'algibeira do collete,
tirou logo este bilhete,
que ao brilho do gaz eu li.

«A Roberto d'Aguiar,
não vamos quebrar-lhe os queixos

para as luvas não sujar;
mande embora os seis tratantes,
que tem ahi embuscados,
para as bolsas nos roubar;
vá ganhar honradamente,
sua vida no trabalho,
repare que esse caminho,
ao Limoeiro vae dar.

Mas se tem um grande empenho,
de tomar vingança atroz,
ahi vae esse gallego,
para o ensinar por nós.
E boas noites, amigo,
do alheio.»
— Mariolas!
Gallego, a leitura disto,
ouviste?—
— *Baia que sim.*—
— Vês alguem?—
— *Baia que non.* —
— És aguadeiro da casa?—
— *Sirbo* os patrões desde os *Reis.* —
— Toma lá esta *de seis.* —

— *Baia* que é só um *toston*. —
— Aqui tens mais um vintem.

Leva esta carta á menina,
mas olha bem, só a ella,
repara não veja o pai,
percebes?
— Percebo. —
— Vae. —

Já vistes contorcer-se a ratazana,
apanhada em estreita ratoeira;
empinar-se nos pés,
curvar-se por mil traças,
ao sentir as negaças,
da esperta cosinheira?

Chiar buscando evadir-se,
co'os olhos esbogalhados,
indo trepar-se furiosa
nos arames engradados,
depois com fome damnada,
roer da isca o espigão?

Ratoeira era o meu peito,
ratazana o coração!

Na noite immediata, ás onze e meia,
pela casa passei desses tratantes,
que zombaram de mim.
E vi-a debruçada na janella,
encostada na mão a face bella.

Só á porta do Carmo,
a sentinella achei.

— Quem vem lá?—
— Gente de paz.—
— Que faz parado? que é isso?—
— Camarada, é um derriço.—

Abriu-se a porta, subí.

Pae e filhos ressonavam,
e a donzella recatada,
o casto pudôr venceu,
e veiu esperar-me á escada.

Ai! tu não sabes de certo,
os pulos do coração,
quando a esperta namorada,
nos aperta a nossa mão,
e nos diz em voz sumida,
— entre... descalce os botins —
e nos leva, manso e mudo,
suspensa a respiração,
ella em palmilhas de meias,
e nós... de butes na mão;
só a ouvir-se o rabecão,
de um pae velho a ressonar,
ai! não sabes, meu irmão!

Entrar na escura saleta,
dar abraços sem cautella,
olhos e labios beijar,
e beber nos olhos della,
um decalitro de amor.
Ai! tu não podes julgar,
como é veloz a mulher,
que em logar de coração,
possue no peito um *wagon*,
que não cessa de correr!

e no amoroso carril,
de gostosa exploração,
faz dois annos em dois dias;
hoje sáe chega ámanhã,
á derradeira estação.

Se alguem te disser que não,
manda-o p'ra cá, meu irmão.

Se os beijos dão saude ao pobre enfermo
já não quero o Raspaill á cabeceira,
pois não desejo morrer.
Se os beijos tem resalgar,
se ha beijinhos assassinos,
venham mil desses meninos,
para morrer a fartar.

Sahi, dava meia noite,
quantas estranhas mudanças,
não senti no coração!
Subí descalço d'esp'ranças,
descí de butes na mão!

Desde essa noite de amoroso enleio,

poucos dias ou noites tem passado,
sem os olhos fitar da minha bella,
no banho, no Gymnasio, ou no Passeio.
Amo-a, sigo-a, e adoro-a desesp'rado,
como o pavão ministro a pasta adora,
em noites de tumulto,
entre os degráos da escada salvadora!!»—

Aqui findou Roberto a narração,
pois entrava no quarto o capitão.

—«Chegae-vos — disse o bom velho
— aqui bem junto de mim,
que tenho que vos contar;—
e com voz tremula e meiga,
depois de quatro pitadas,
de tossir e de escarrar,
grave e triste disse assim:

—Nas hostes do infeliz Miguel Primeiro,
sabeis que pelejei contra os malhados.
mostrando aos cidadãos os bons principios.
co'a razão de marmello nos costados;
entre outros foi o tio desta menina,

á esquina da travessa da Queimada;
era malhado, e d'uma cacetada,
miguelista ficou de coração.
Heitor Pedro foi nosso camarada,
era ahi nessas ruas um leão!
quando veiu a lib'ralada,
dependurado o vi n'um lampeão.

Não nos matou a força dos malhados,
foi a nossa fatal desunião,
nunca faltou cacete para elles,
graças a Deus!
muitos queriam só mandar os seus,
e ficamos assim, sem páo, nem pão.

Quem espera venturas nesta terra,
é louco!
Quem as pernas ao seu paiz afferra,
só para não deixar a patria amada,
embora a patria só lhe dê caçada,
e o prenda ahi nas ruas a cordel,
deseja mal e pouco.
Sacrario de verdades é o livro,
do José Daniel:

Portugal, Portugal não te conheço,
quanto mais em ti penso, mais padeço.

E tu amas, rapaz, sem um ceitil,
julga que amantes pobres,
só alcançam victoria indo ao Brazil,
vender n'uma tenda,
pegar n'um barril;
e depois vindo amar a joven meiga,
se não ficar o amor entre a manteiga.

Até porque, meu Roberto,
o dinheiro abafa as dôres,
de inexequiveis amores;
ou morre o homem por lá,
a digerir o pirão,
ou surge o homem por cá,
revelando em cada libra,
o seu sangue de barão.—

— Primeiro — disse Roberto,
ha-de ouvir esta cartinha,
que me poz o peito aberto;
ora veja:

—«Meu amor.
Estimarei que estas regras,
te vão achar de saude;
eu cá vou indo peior,
té que chegue o ataúde,
alivio das desgraçadas,
e cofre de um peito amante.

Nestas linhas mal traçadas,
te faço participante,
que vae por cá o diacho,
vae um grande reboliço;
e se remedio não acho,
ponho termo á triste vida,
e vou da janella abaixo.
Da tua que até á morte
já te deu o coração,
Amante. — Camilla Augusta
da Trindade Perdigão.»

. . . . . .

Ergueu-se José d'um pulo,
e ao velho disse:

—Meu pae,
Sou eu que devo partir,
serei tendeiro por ella;
e á força de economia,
se não mente o coração,
ganho para meu irmão,
a posse da sua bella,
vendendo arroz e canella.—

. . . . . .

— Portugal, ingrata patria!
Um filho te vae deixar;

. . . . . .

Deus! entrego-te meus filhos!
Christina vamos jantar. —

CANTO III

CANTO III

A vela

Ricos patifes do mundo,
vêde este quadro, mas antes,
vou dizer-vos coisas feias,
vou descompor-vos, tratantes!

De vossas filhas singelas,
fazeis-vos uns vendilhões;
andais sempre ahi com ellas,
apregoando as donzellas,
como quem vende melões.

Fazeis do amor o mais puro,
um scelerado, um bandido:

enforcaes os corações;
eis o requinte sublime,
de um carrasco de cupido!

Quantos de vós gritareis:
— Ó da guarda! — contra a filha,
que fugiu pela janella?
Irra!
Não venham municipaes,
deixem gritar esses paes,
deixem fugir a donzella.

O homem que á filha ensina,
os bons caminhos do amor,
que a leva á tarde ao Passeio,
e ao Marrar do Chiado,
para ver o namorado.
Que lhe compra o papelinho,
de alegoricos enfeites,
que ao namoro é destinado;
e para formar-lhe os creditos,
com epistolas frisantes,
por um cruzado lhe compra,
o *Secretario de Amantes;*

é homem de coração,
merece a nossa affeição;
um homem tal encontrae,
cumprimentae-o, que é pae.

Mas o que de olhar avaro,
anda a contar brazileiros,
que chegam *di lá* solteiros;
e não ouvindo conselho,
grita ahi pelas esquinas:
—*Quem me compra estas meninas?*—
não é pae é ferro-velho!

Junto á Praça da Figueira,
erguí meu canto de amor,
ai! quizera mais palmitos,
encontrar o trovador.

O poeta é delicado,
tem linguagem fagueira;
mas quando a sucia opulenta,
lhe chega a mostarda á venta,
é fugir da regateira.

A casa dos nossos boçaes Perdigões,
já para á Outra-Banda está sendo mudada,
no chão da cosinha, Camilla sentada,
chorava e escrevia fazendo borrões,
á luz de uma vela
de cera amarella;
a mesa era a ruma de quatro colxões.

As lagrimas correm, o solto cabello,
o pranto sentido co'a tinta mistura,
as letras confunde borrando a pintura,
e suja um dedinho tão fino e tão bello!
E á luz dessa vela
de cera amarella
em mil garatujas traduz seu disvello.

Ao pé dos colxões pobresinho innocente,
dormindo tranquillo de saias coberto,
soltára um gemido, tão debil e incerto,
que além de Camilla ninguem o presente;
e a luz dessa vela
de cera amarella,
batia na fronte do tenro vivente.

Camilla estendera os braços,
e n'um delirio amoroso,
apertava contra o peito,
esse corpinho mimoso.

A carta não acabada,
no lindo seio metteu,
ouvindo passos pezados,
pôz no chão o innocente,
e levantou-se e tremeu.

A porta rodára nos gonzos veleiros,
entraram seis vultos, sinistros, calados,
irmãos de Camilla que vinham cercados,
dos homens dos fretes, fataes *mudadeiros*,
que á luz dessa vela
de cera amarella,
se viram chouriços de quatro aguadeiros.

Quem acode á pobresinha,
que defensor já não tem?
pois se não sahir a pé,
irá na maca tambem.

Roberto, corre, não pares,
se amas, se és forte, vem já,
se um momento só tardares,
Camilla por onde irá?

Não ha visinho da escada,
não ha gallego boçal,
que mostre ao pobre Roberto,
esta mudança infernal?

Pobre Camilla na cosinha choras,
e sem abrigo e só, coitada, esperas,
ir terminar com prantos em Cacilhas,
as tuas dezanove primaveras!

—Já! meus irmãos!—diz ella—já! tão cedo?
olhai que não piseis este innocente,
tão formoso, tão branco, e tão sem medo,
tão quietinho aqui, e tão dormente!

Tão amigos que fomos em pequenos!
e agora só vingança em vós eu leio;
neste momento extremo, ai! que saudades,
tenho das minhas noites do Passeio!

Deixai-me aqui ao menos esta noite!
Faze-me isto Camillo, mas tu gritas?
Ah! faze-m'o eu t'o peço pelo tempo,
em que tu me trazias ás cabritas.

A estas meigas palavras,
que bruto se não rendêra?
Não, não ha bruto tão bruto,
que não tenha um coração!
Só se não rendem os filhos
que d'um feroz agiota,
tem as entranhas de pedra,
que em juros se farta e medra,
sómente o usurario, não.

— Põe o chapéo e partamos,
dize ao Carmo o extremo adeus;
vão levar estes gallegos,
esses trastes que são teus;
se não tens vergonha delles,
faze aqui essa *toilette*,
eu te aperto o teu collete;
se não vês, esperta a vela
de cêra amarella?

Que faz Roberto? onde o prendem,
que a toda a brida não vem?
Ha quasi um mez que se esconde,
que o não descobre ninguem,
e nem seu pae sabe aonde,
nem Camilla, a descontente,
nem o faro impertinente,
dos cabos da freguezia,
que o procuram noite e dia!

Na freguezia dos Martyres,
da qual é bom freguez o conselheiro,
e juiz da irmandade e protector,
Estanisláo José do Nascimento
era então regedor.
Droguista e boticario,
que só então no sitio dominava,
das drogas eleitoraes,
aviava o formulario.

Facil foi a Perdigão,
achar neste regedor,

a seu querer protecção.
Denunciaram Roberto,
por vadio e refractario;
que é bem boa entalação,
para quem não tem resalva,
e Roberto era filado,
se o não tivesse avisado,
mensagem do coração.

Debalde correm *cafés*,
debalde o esperam de noite,
parece qne o refractario,
tem boas azas nos pés,
que tanto foge e se esconde!
Nem a tal zelo responde,
o mais ligeiro signal,
que prometta a Portugal,
o desejado recruta,
e ninguem vel-o desfructa.

E não fugira Roberto;
anda de noite tão perto,

e não ha ninguem que o veja;
era a coruja sinistra,
piando em torno da igreja.
Lá vae ao largo do Carmo,
e escuta de porta em porta,
e só foge se ouve bulha,
comprime o arfar do peito
e não encontra patrulha,
que o apanhe por suspeito.

E já no bairro corria,
que de todo se mudava,
Camilla para a Outra-banda,
e que em Cacilhas casava.

Roberto o ouviu... n'um momento
lhe disse um presentimento,
que não.

Esta noite ás nove e meia,
elle no Carmo embuscado,

viu passar uns quatro fretes,
e expiou-os com cuidado.

Dentro da casa fechada
(eram dez horas e um quarto)
ouviu-se estranha fallada,
e o cãosinho de Camilla,
com desespero a ladrar;
e a debil voz da menina,
grossa e rouca de gritar,
dizer: —a *cova jaz perto!*

E da porta da cosinha,
saltaram gonzos e espelhos,
chaves, trincos e bedelhos,
e viu-se de pé Roberto.

Revela no fato sujo,
a miseria que o consome;
ar sinistro, olhar zarolho,
asp'ro cabello cahido,
lhe tapa a vista de um olho.
Era a imagem do assassino,
a estatua do máo ladrão,

faces cavadas com fome,
chapéo lustroso com cêbo,
cebento e rôto o capote.
E os dois irmãos atrevidos,
ao vel-o tremeram tanto,
que se agacharam de espanto,
de coc'ras atraz do pote.
Elle estoirou:

— «Miseraveis!
Eis-nos em fim rosto a rosto,
ai não provastes o gôsto
desta mudança infernal!

Resta fazer outra maca,
nem tudo se foi embora,
e quero cozer agora,
duas barrigas á faca» —

E co'o braço levantado,
contra os brutos investiu,
mas tropeçou no innocente,
que no sobrado ganiu,
e lhe mordeu a canella!

Cahiu, enterrando o ferro,
no couto duro da vela,
(de cera amarella)

Os dois irmãos traiçoeiros,
ao vel-o inerme no chão,
bem como dois colxoeiros,
cahiram a páo sobre elle;
sequiosos, esfaimados,
batendo ás cegas e forte,
gritavam os condemnados:
—*Falta ainda este colxão!*—

Roberto que os não ouvia,
mas as estrellas já via,
dizia:
—Muito obrigado,
não ha quem grite á janella?
Vê-de que bello mercado,
de graça tendes colxão!
Como eu apaguei a vela,
apagai-me esta paixão!
Vá com força! agradecido!
Sobre a esquerda e comereis

os biffes do coração!» —

. . . . . .

. . . . . .

. . . . . .

. . . . . .

Poucos momentos passados,
dão as torres o signal
de haver no sitio do Carmo,
medonho incendio, fatal.

Caro leitor, que me aturas,
nesta grande confusão,
anda vêr comigo o fogo,
na casa do Perdigão.

A porta da casa em chammas,
repara em Roberto afflicto,
de cabeça em tres quebrada,
assoprando n'um apito.

Agora vêde-o, coitado!
julga o pobre aventureiro,
que vão assar no brazeiro,

as formosas carnes *della!*
Quer metter a porta dentro,
que lá suppõe a donzella,
mas a porta não arromba,
grita, corre, acotovela,
e vae pôr-se a dar á bomba!

CANTO IV

CANTO IV

Doze annos de agonia

Bem custa o pezadêlo de uma noite,
soffrido em contorsões de ancias terriveis,
nos fumos de carneiro tormentoso,
sobre má digestão!
quando as vagas do sangue procelloso
batendo como açoite,
c'o as rapidas marés do coração,
o põe em mil corcovos desiguaes!
Quando os roncos de tripas turbulentas
lembram mula manhosa entre os varaes!

Bem custa o pezadêlo de uma noite,
levada a ver da cama
longas scenas de horrivel melodrama,
que representa uma indigesta ceia,
e a phantasia a produzir comparsas,
e o vinho a referver de veia em veia!

O silencio do quarto abre-se em vozes,
roucas, profundas, engrolando o *requiens*,
para extrahir de um morto os máos peccados.
A solidão povôa-se de gente,
morto, prior e sachristão, na frente!
seguem atraz os gatarrões pingados.

E o misero mortal ardendo em sêde,
da cama se esqueceu, e o sôlho mede.

Acorda no sobrado o agonisante,
olha, escuta, espantado,
os moços do *Lagoia!*
Estende a mão... encontra a lamparina!
Pergunta quem morreu, falla ao finado,
responde-lhe uma voz, ao longe, e fina,
do gato esperto a remiar distante,

unico som, na casa entregue ao somno.
Suor quente lhe escorre da camisa,
alagando-lhe o peito chammejante,
pelo chão deslisa.

Ao morto quer fugir, não póde vêl-o;
sob a roupa se furta, os olhos cerra,
mas não se furta a novo pezadêlo;
carneiro com batatas não dá treguas,
se conversa comnosco!

Transfigura-se o quadro. Os vultos negros
transformam-se em credores,
severos, asp'ros, brutos, furibundos;
são dez, e vinte, e cento, e mais, e innumeros,
compridos, curtos, magros e rotundos;
e juntam-se, recrescem, multiplicam-se
juros, penhoras, qu'relas e sentenças;
e o carneiro tenaz, que tudo cria,
sobe, desce, resalta e se mistura,
co'as sombras da torvada phantasia.

E o misero mortal ardendo em sêde,
da cama se esqueceu, e o sôlho mede.

Passada a noite longa da agonia,
doutor com toda a luz da medicina,
vem achar os signaes dessa tormenta
nas olheiras da face macilenta,
e curar os estragos do carneiro
co'a mistura salina.

E que serão doze annos de agonia?
doze annos de sonho tormentoso,
doze annos co'a bolsa erma de pintos,
doze! doze! sem ter da fama o goso?
sem *cavaco* no *Gremio Litterario*,
sem um sorvete á noite no *Martinho*,
sem um copo do *termo* no *Penim*,
sem bailar em nenhum noticiario,
sem ouvir da *Canaria* agudo grito,
sem nome no *Almanach de Lembranças*,
sem ter á perna um dia o *Braz Tizana*,
sem occupar o estro do *Agapito*,
sem coisas estudar transcendentaes,
sem habito da ordem — *San-Thiago*,
sem nas côrtes ouvir *Zé de Moraes?!*

Ao longe o fumo do incendio
de tão sinistros clarões,
inda encobre a face á lua,
quando no caes da columnas,
os tres filhos Perdigões
para Cacilhas embarcam.
E na pôpa da falua,
os labios dos dois tratantes,
entre risos delirantes
murmuram á mana sua:
—«Amanhã, ruinas tudo,
que de pé só fica o muro!
Camilla, que bom negocio!
Temos libras do *Seguro!*—

E cantando cigadilhas,
vão direitos a Cacilhas.

Seis mezes são já volvidos,
e na casa do Aguiar,
são tudo penas e dôres,
murmurações e chorar.

Morreu Roberto? É mysterio;
ou talvez á sombra esteja
ahi n'alguma cadeia;
diz-se tanta coisa feia,
e não se encontra o seu nome
nas partes do cemiterio.
Mas os cabos de policia,
não andam no seu fadario,
resfriaram desse ardor,
de encontrar o refractario.
Os bons visinhos da escada,
fallam de crimes horrendos,
e dão-lhe um negro labéo.
E o velhinho José Pedro
traz orleã no chapéo,
e a morena Christininha
anda em nojento desleixo,
lencinho amarrado ao queixo,
sempre em pastas o cabello,
e no pé rôto chinello.
Mas temos o mesmo arcano,
não está Roberto em Lisboa,
que já não vae ao *Toscano*.

Um dia tres sujeitos aceiados
bateram no quarto andar,
limpam as botas com seus lenços brancos,
logo que vão entrar.
— «O senhor José Pedro d'Aguiar?» —
— «Seu creado, meus senhores.» —
E tira o seu barretinho.
— «A quem me cabe a honra de fallar?» —
— «A Justiça de Lisboa.» —
— «Ai que não é coisa bôa!
E a justiça de mim o que pertende?
Ponde o chapéo que está frio.» —
Acercara-se o escriba, e assim fallou:

— «Em nome do senhorio
como tres annos já deveis agora,
e quatro no São João,
ides soffrer, meu caro, uma penhora;
assás custa, eu bem n'o vêjo;
e tendes que sahir em meia hora,
eis, amigo, o mandado de despêjo.» —

Como um fosforo, o velho de repente,
se apruma, esguio e tremulo; um murro bate!

tem vermelho o nariz como um tomate,
levanta ao ar a descarnada mão.

—«Irra!»—lhe bradou convulso,
—«Irra! senhor escrivão!—
—«Mais conta em vós, senhor Pedro,
na casa do senhorio.»—
—«Na vossa, lobos famintos,
tendes os pintos por lei;
e vindes vexar a gente!
que saudades de meu rei!
É Lisboa lauta boda,
para essa justiça toda;
cães esfaimados comei.
Naquelle cantinho, além,
pende um cacete quebrado
de malhar muito malhado,
levai isso ao senhorio,
que ha de intendel-o tambem.

Eis-me pobre; tenho apenas
na algibeira dois tostões,
que darão para uns feijões,
e não me abrigam dos frios.

Mas á fé que ha de raiar
um dia alegre e festivo
que aniquile os senhorios.» —
O velho estava no almoço,
e tinha um panno cahido
preso em torno do pescoço;
desatou-o com presteza,
e arremeçando-o ao chão,
disse — «receba a avareza,
mais este pequeno trapo,
pois quem me leva as toalhas,
que me leve o guardanapo.» —

Desceu solemne as escadas,
hirto, sereno, altaneiro,
e na praça d'Alegria,
sentou-se o velho guerreiro.
. . . . . .
. . . . . .
. . . . . .

O sol era posto. Sentados n'um banco,
choravam coitados sem casa nem pão;
moroso chegava á travessa das Vaccas
um rôto mendigo de saco e bordão.

— «Uma esmola, bemfeitor?» —
— «Uma esmola, peço-a eu...
Como vaes, ó meu Francisco?» —

Pedro o pobre conheceu,
que fôra um seu camarada;
e contou-lhe a historia sua,
maldizendo a lib'ralada.

— «Lembrai-vos, Pedro que um dia,
quando eu na rua dormia,
me destes o vosso quarto!
Pois na minha casa, amigo,
tendes agora um abrigo.» —
. . . . . .
. . . . . .

Lá vão, ruas d'Alfama; é noite escura,
ao aposento chegam; rua feia,
loja pequena em denegrido predio,
n'um silencio profundo;
lá dentro alumiava uma candeia,
denunciando pelos vidros sujos
esse aposento immundo.

Que triste vida na loja,
que pocilga doentia,
que rostos amarellados,
como os dos encarcerados,
na mais immunda enxovia.

Dorme Aguiar na cosinha,
sobre esteira de tabúa,
Christina sobre um bahú,
Francisco faz meio nú
ferrolho á porta da rua.

Ladra um cão nesse aposento,
canta um grillo na janella;
vê-se um banco de um só pé;
sobre a negra chaminé
dois tachos e uma panella.

Almoçados todos cinco,
Francisco toma a sacóla;
Christina, o cão, e o guerreiro,
o seguem o dia inteiro,
e lá vão pedindo esmóla.

José Pedro faz-se coixo
ampara-o a Christininha;
cão e Francisco adeante;
Christina ingróla incessante,
a seguinte ladainha:

—«Bem haja o solido almoço,
bem haja o gordo jantar,
bem haja a opipara ceia,
bem haja quem póde andar,
de barriguinha bem cheia.

Bem haja quem póde lêr
do namorado uma letra,
. . . . . .
bem haja isto e mais aquillo
e coisas e tal *et cœtera.*

Triste de quem der um ai,
sem ecco ter n'uma tenda;
feliz o que sempre almoça,
e mimoso o que merenda.»—

Que triste vida na loja,

que pocilga doentia,
que rostos amarellados,
como o dos encarcerados,
na mais immunda enxovia.

É noite de janeiro. O vento gelido
sacode as portas com terrivel sanha
responde em triste uivar o triste goso,
vadio que na rua a chuva apanha.

Tudo na Alfama dorme; só na loja
ao pé do largo que se diz da Adiça,
crepita uma candeia;
lá dentro ha vozes que os quebrados vidros
não podem resguardar.
Que vulto é esse, rebuçado e attento
á porta a escutar?

Curta quinzena sobre calça branca;
ás largas fórmas se lhe apega a roupa;
chapéo rafado mal lhe encobre o rosto;
sem ter um guarda-chuva e ao tempo exposto,
suspeito figurão tornado sôpa.

Na loja havia *cavaco*;
abre-se a porta co'o vento,
e ao longo do pavimento,
rolou um bronzeo pataco.
E o tal vulto acocorou-se,
para guardar o segredo;
o nariz limpou ao dêdo,
e foi-se.

Quém fosse ao largo do Carmo,
nessa noite á meia noite,
lá o achára embasbacado,
para o predio renovado,
que fôra o aposento *della*.
E taes vozes lhe escutára
sahir do peito já quente
com tres *dozes* de agoardente:

—«Porque, dama gentil, ai! te mudaste,
deixando um coração aqui sem rumo,
que precisa de amar?
Branca pomba que vôas em Cacilhas,
ainda desse incendio o lume e o fumo
me fazem suffocar!

Ó renovado predio, que é do fogo,
que te cercou de chammas tão brilhantes,
em noite de calôr?
Levantou-te o *Seguro*, prestes, logo;
tu já não tens os cumplices degráos
do meu chorado amor!

Faz hoje um anno que as meias,
ai! dos pés da minha amada,
deixaram de vir de noite
ao patim da tua escada.

Que as tuas vigas d'outr'ora
ardendo em chamma fatal,
fizeram correr as bombas,
dar as torres o signal.

Serei junto deste predio
ás horas do anniversario,
em quanto a parva policia
não prender o refractario.»—

Lá vae Roberto!... é elle! tão molhado
por noite assim medonha!

sem 'scorregar na lama do Chiado,
e leva um longo *bico de cegonha!*

Vêde-o junto do mar, ao pé da *lage*
no Terreiro do Paço...
A vista alonga lá para a *Outra Banda*,
quer de Cacilhas descobrir a praia,
minora sobre um frade o seu cançaço.
Com suas mãos febris a lagea apalpa!
e como o perdigueiro ali fareja,
uma pista adorada;
e as escadas do caes afaga e beija!

Um anno lá passa inteiro,
e apoz um anno outros vem;
e em cada mez de janeiro
as mesmas scenas tambem;
que o vulto que entra n'Alfama,
vae ao Carmo á meia noite,
quer o inunde a lua cheia,
de noite meiga e formosa,
quer o vendaval o açoite.

Vae sinistro e mal trapilho
nesse passeio fatal,
e não soffre das patrulhas,
o zelo municipal.

Depois ao caes das Columnas
o martyr do coração,
vae dar suspiros ao vento,
pôr os narizes no chão.

Vão terminar doze annos de agonia;
do fogo o anniversario vai findar.
O sol surgiu sem nuvens esse dia,
e José Pedro ergueu-se a resmungar;
de repente assumiu tanta alegria,
que certamente sonhou,
ou c'o a ditosa paz da sepultura,
ou então co'o *Rei chegou!*

De saquinho na mão vai Christininha
a certa vendedeira,
da praça da Figueira;

e n'um frade da rua da Bitesga,
ao pé da antiga habitação amada,
se encosta de cançada.

Põe no frade o cotovello,
a testa desafronta do cabello,
encosta a face á mão, e ali descança.
Faz-lhe docel o toldo,
da loja de um barbeiro.
Ai que formoso quadro áquella esquina,
o toldo, o frade e a menina!

Christina, porque olhas tanto
as tres cruzes dessa hombreira?
cruzes que só tem o encanto,
na dor de apertadas horas;
alvas cruzes de parteira,
Christina, porque as namoras?

Eu sei, Christininha, a historia
desse triste pensamento;
inda guardas na memoria
uma esp'rança promettida,

promessas de casamento,
tres *chochos* de despedida.

Foi ali, naquella escada,
daquellas cruzes ao pé,
que amaste e que foste amada!
que protestos esp'rançosos,
te jurava o teu José,
por entre beijos sequiosos!

E ha tantos annos, coitada,
contados, dia por dia,
tu te encostas de cançada,
defronte da mesma hombreira,
enlevada na magia,
das tres cruzes de parteira!

Vê que te espera, Christina,
o pobre do capitão;
deixa o frade, o toldo e a esquina,
vê que o sol é quasi posto...
Mas além... um tafulão...
mira o teu formoso rosto!...

Tão bem vestido e parado!
E quem será que ás seis horas,
se põe n'um frade encostado?
Eil-o, deixa a sua esquina,
lá chega... porque descóras?
de que tens medo, Christina?

Que nedias faces vermelhas,
que abdomen volumoso,
que variados matizes,
ostenta o traje vistoso!
Bengala de aureo castão,
chapeo que dava bem tres,
farto *reglan* côr de anil,
grosso e luzente o grilhão,
orgulho de um portuguez,
quando volta do Brazil.

—Boas tardes, minha flor—
diz elle ameigando a voz,
—o que faz aqui sosinha?
diz-me onde mora filhinha?
Não responde?—
—Não senhor...

Mas... Ah!.. dizei, por piedade,
vindes de fóra?—
—É verdade.—
—E nesta infeliz cidade
tendes um pai?—
—José Pedro.—
—Jesus! que ventura a minha!
Meu José!... meu caro primo!—
—E tu és a Christininha?—
—Meu primo!—
—Diz «meu irmão»
Que levas no saco?—
—Pão.—

. . . . . .

Alta noite era já, quando n'Alfama,
entraram fartos, da oppulenta ceia,
n'um trem da *companhia.*
Na loja inda velava uma candeia,
denunciando pelos vidros sujos,
essa immunda enxovia.

CANTO V

CANTO V

Hoc opus hic labor est

Eu conheço Lisboa, e tenho pena;
éden dos charlatães de todo o mundo;
lago formoso de mentiras lindas,
tem nas margens o amor, traição no fundo.

Rainha do occidente envolta em pó,
vaidosa de seus mil commendadores;
dos seus *guanos* e dos seus *trapiches*,
rica de realejos e credores.

Hospitaleira mãi do passeante,
Cicero do *Marrare*, audaz talento;

lanterna maga que allumia a estrada,
que vai do botequim ao parlamento.

Arvore a cuja sombra o pertendente,
em torno do ministro em vão suspira;
onde o *memorial* constante entôa
hymnos sonoros que a barriga inspira.

Onde o talento se protrae de rastos,
e o charlatão pomposo se erradia,
por entre os beleguins eleitoraes,
potencias do presente, heróes do dia.

Em ti o amor, Lisboa, é como o fósforo,
na juvenil endiabrada mão,
que morre, qual se accende, em breve instante,
sem faisca deixar do seu clarão.

São Bento palrador, contae os feitos
dos mil Catões da minha patria bella;
quanto sangue leal nos teus combates
verte o senso commum e só por ella.

Oh! fallem *Coruscantes*, e *Ravisius*,

ala dos falladores tão seccante;
conta *Zé de Moraes*, as sangue-sugas,
que aliviam a patria agonisante.

De Lisboa os *cataventos*,
quem vos poderá pintar!
os politicos portentos,
que vem a patria salvar,
ricos de côres aos centos
de mil diversas bandeiras!
nobres *peitos-parteleiras*
dos antigos democratas,
a pedante mocidade,
e a comica magestade
desses gordos pataratas!

De eleições batalhadas eram vesporas;
semeava o governo os seus favores;
Estanisláo José do Nascimento
era o Napoleão dos regedores;
e na botica sua entrava um grupo
de quatorze eleitores.
Conversam em passadas eleições

de cabralinas côres;
das listas o carimbo á mente accode,
e a giria eleitoral de *empalmações*.
Só falla do que fez quem já não póde.

—«Sim, era em *quarenta e seis*,
que nós todos em Lisboa,
de *São Domingos* á porta,
fizemos votos fieis;
pois não se votava á tôa.
Tres deputados fizemos,
co'um cento de cacetadas;
ao pé da urna ondolavam
as taes listas carimbadas.»—

—«Em *quarenta e seis*, amigo,
eu tambem lá era então;
ai! que bello era esse tempo
dos votos a cachação!
E vimos o parlamento,
como um iris de bonança;
traduzir o pensamento
dos cabos de segurança.
E os *ricos proprietarios*

do Algarve, sucia leal,
faziam por essas ruas
as glorias de Portugal,»—

—«Que bello tempo foi esse,
dos votos a cachação!»—
exclama Pinto Ribeiro,
politico tanoeiro,
e levanta a grossa voz;
—«mas no tempo em que vivemos
teremos-lhe inveja nós?
e de que? dos batalhões
desses homens do Arsenal,
que andavam nas freguezias
a fazer as eleições?
Ou talvez das tropelias,
lá de assembléas ruraes,
cujas scenas divertidas
eram combates fataes?
Isso que val' para erguerem
aqui tão grande escarcéo?
hontem, hoje, ámanhã, sempre
os deputados do povo,

por artes magicas saem
da copa de um só chapéo!!

E haver quem falle do tempo
dos votos a cachação!
ao menos havia festa
nesses dias de eleição.

Perguntae ao boticario,
Francisco Antonio de Assis,
que ora avia tres receitas
ora tres listas avia,
e bons pais da patria cria
a bater no almofariz.

E haver quem falle do tempo
dos votos a cachação!
ao menos era arraial
o dia de uma eleição.

Que fez um senhor de tal...
que não sahiu de Lisboa,
para ser o pai amado
dos filhos da Nova Gôa?

Que faz um José Antonio,
deputado de feição?
merca o chapéo e o balão
para a esposa do barbeiro
que o elegeu !. . . infeliz,
que do corpo de eleitores
é sargento em commissão!

E haver quem falle do tempo
dos votos a cachaça!
ao menos havia festa
nesses dias de eleição!

E dos homens o troço que escutava,
e que as verdades do orador sabia,
com gestos applaudia;
e um delles que ali estava de olho álerta
ao *doutor* indicava
do regedor a porta mal aberta.

Mudou Pinto Ribeiro.

—«O que tem feito no *Rio*,
senhor Miguel d'Aguiar,

vosso sobrinho José?
que novas delle nos daes?
como elle ia a suspirar
pela prima Christininha,
cheio de amor a fartar!
e sem ter *uma de seis!*
Vêde que honrado caminho,
não lhe deu a patria amada?
delle que sabeis?»—
—«Eu nada.»—
—«Nem eu.»—
—«Nem vós.»—
—«Tambem não.»—
—«Nem eu sei delle tambem.»—
—«Não sabe delle ninguem!!»—
—«Sei eu.»—Exclama um tendeiro,
que veiu *di lá* barão;
—«foi meu socio; trinta contos
trouxe ha mezes do Brazil,
fez-se agiota em Lisboa;
emprestando a mil por mil.
Foi bem feliz, o maroto,
arranjou dinheiro aos dados,
notas falsas bem gravadas,

amigos entre os negreiros
nas viagens arriscadas;
e mais ganhou por tudo isto
uma commenda de Christo!

No interior da loja á mesma hora
da parte do saguão enxovalhado,
o regedor e um cabo conversavam,
entre mil frascos, em questões do Estado.

Estanisláo José do Nascimento
circumspecto prepara uma tisana;
vai soletrando o cabo um papelinho,
em quanto o regedor o fogo abana.

As listas e as receitas sobre a mesa,
as seccas malvas tapetando o chão;
e o *sabio* regedor vendo o remedio,
co'o discreto nariz sobre o fogão.

Terminou a leitura. Ambos calados
olharam-se um momento.
—«E agora, regedor, que julgaes disto?»—
pergunta o cabo emfim.

—«Ai! seja por São Miguel!
É possivel! É pois certo
que esse tal senhor Bragança
quer destruir-nos a esp'rança
desta feliz eleição?!
Por Deus! até me cahiram
as cangalhas no fogão!...
Porque teima este senhor,
em fazer-nos tanto mal?...

Quereis ter a paciencia
de me reler o final?

—«Diz o administrador:
«Ninguem póde já hoje duvidar
que Anacleto Bragança ahi conspira,
que reina cavillosa intelligencia,
entre elle e muitos cabos de policia;
que poucos destes, saiba, a nós pertencem.
Vejo o nosso ministro ardendo em ira
contra essa fregezia,
por ver os resultados da impericia
do brando regedor, que não triumpha
de tudo n'um só dia.

Ha de vencer-se agora, e prompto e já
essa tenaz malicia!
Irá por força o que não fôr por geito,
em rapido momento.
Surjam depressa á voz do regedor
de cabos mais um cento.»—

A porta abriu-se; entrou no santuario
um corcunda zarolho, calvo e coixo.
Era Anastacio Bernabé Baptista,
antigo official do boticario
politico tambem, mas cabralista.

Recebe Nascimento uma missiva,
da qual pede a resposta um maltrapilho.
Precipitado rasga o sobrescripto,
lê e chega ao fogão
a carta. Surgem por encanto lettras
por entre as linhas todas; eram feitas
com sumo de limão;
leu de novo a missiva; e um rir satanico
se viu no pharmaceutico.

—«Trazei-m'o!—Agora, meu querido cabo,

deixai-me só.» —
Só ficou.

Quando á porta da cosinha
o maltrapilho chegou,
viu José do Nascimento
como estatua de D. Bartholo,
na dextra oculos e abano,
na sinistra uma tigella;
cerrada a porta, marchou.
Deu quatro passos... calado
o boticario pasmado,
nem sequer pestanejou.
—«Viva o senhor regedor,
tão grande como um ministro,
tão sabio como um prior.» —

Nos dedos de Nascimento
estremeceu a tigella!...
Ficou immovel, calado.

Na pedra da chaminé,
sem respeito e sem cuidado,
foi sentar-se o mensageiro;

poz o barrete no chão,
poz as costas ao brazeiro;
e mettendo na fornalha
a suja e callosa mão,
cigarro em meio accendeu,
e disse, largando a braza:
—«*Aqui tem o seu creado,*
como nós em nossa casa,»—

—«A vontade, ora *essa é boa!*»—
brada o regedor emfim.
—«Pois que duvida, assim fiz,
como é quentinho o fogão...
lá por fóra, meu amigo,
é de ficar sem nariz!»—
—«Qual nariz, nem qual diabo!
sabei que não se entra assim
no gabinete, senhor,
de um pharmaceutico illustre,
que tambem é regedor.»—

—«Cidadão, não val' ralhar;
quando aquella porta entrei,
achei-vos ali parado

sem me fallardes; pasmado...
sobre essas magras canellas.
Qual cerimonia?! Um amigo
se tem frio e está moido,
não vem pôr-se com *aquellas*.
Sabe tão bem o fogão...
Sois fino, sabeis-la toda!
como estaes bem couraçado,
contra o frio, meu ratão.» —

Nunca tamanha audacia tinha entrado,
nos sonhos do assombrado Nascimento,
que ali olhava um rôto, um malcreado
sentado sem licença ao seu fogão,
a lançar-lhe fumaças para os olhos!
E quem fallava assim ao regedor?
Ou era um bruto sem vintem, sem tino,
ou era um emissario de eleitor!...
Levantou-se o mal trapilho,
desprezando a ironia,
poz-se em pé sobre o ladrilho.

—«Perdoae o atrevimento;
já estava no esquecimento

o dar-vos estes papeis
e as muitas recordações
dos dois irmãos Perdigões,
vossos amigos fieis.
Em quanto lêdes amigo
heis de fazer-me um favor:
é dever de um regedor
tratar bem um refractario;
deixai-me estender no chão
este corpo tão moido,
uma vez que lhe vão dar
a tarimba por colxão.
Se podesseis calcular
as noites que eu hei dormido
pelas escadas mettido,
e os dias que tenho andado
nessas ruas sem parar,
não ficarieis pasmado
de eu me estender no sobrado.»—

—«Aqui sobre estas violas
podeis descançar melhor...»—

—«Meu commandante, obrigado!»—

e fez uma continencia.
—«Vou regalar estas pernas,
que não posso ter-me em pé.
Se o meu coração dissesse,
como obrigado vos é,
vós me darieis contente
dois dedos de capilé!
Tomae, guardae-me este páo
e esta navalha tambem,
e que Deus vos pague em *récipes*
os juros de tanto bem?»—
Disse; e em cima das violas
se estendeu como um cação;
e em vozes entrecortadas
pelos bocejos do somno
continuou:
—«Que delicias...
quem diria que este môno
dispensava taes caricias!...
Eu cá sou... como o Bocage,
como, bebo, durmo, e brinco
sem ter nem *uma de cinco*.
É tão macia esta cama...
é tão quente... este colxão!...»—

E adormeceu!...

. . . . . .

Que burlesco pincel ha 'hi que pinte
do regedor a comica postura?!
Que author feliz de caricatos grupos
me empresta o lapis e me aluga a musa,
me ensina os traços, com que alegre o mundo
fazendo o esboço dessa imagem parva,
immovel, boquiaberta, alvar, confusa,
parado o olhar que o espanto manifesta,
sobre a nuca o bonet... cahido o beiço
os oculos na testa!
Horisontaes os braços pharmaceuticos
como os dois braços de balança immovel,
nas mãos, sem o saber, tendo seguros
o páo e a navalha;
com a mesma automatica firmeza
com que se ostenta sobre a corda teza
um Judas de palha!

. . . . . .

Ai! que somninho marôto,
do incognito mal trapilho!
Que respirar tão sereno

lhe move o sujo peitilho!
Nos olhos que olheiras fundas
cavadas pelo cançasso!
Que sons cortados, confusos
desprende de espaço a espaço!

Que vos pinte a phantasia,
o que o meu canto não fez;
junto á estatua do vadio,
um vegete de entremez.

. . . . . .

O boticario sahiu,
voltou ao cabo d'um'hora,
seus labios ha pouco immoveis
abrem sorrisos agora.
Traz nas mãos quatro garrafas,
n'um guardanapo dois tachos;
n'um delles sopa e cozido,
n'outro arroz e dois borrachos.
N'uma cadeira põe tudo,
e senta-se ao pé, no chão;
tira as rolhas, enche os copos,
reparte o cosido e o pão.

Passado um breve instante
mecheu-se o aventureiro;
sorriso aos beiços ávidos
lhe dá do vinho o cheiro.
Espriguiça-se languido;
rasga a bocca em bocejos;
o canto abre d'um olho,
deixa o outro fechado,
e diz mal acordado:
—«Não ha duvida!
Senti junto do nariz
o cheiro d'uma perdiz!
Ah... dormi... como a giboia!...
Caro amigo... em que sonhei?...—
—«Eu sei lá no que sonhou!...»—
—«Regedor... como passou?»—
Disse elle erguendo a cabeça.
—«Venha agora o beleguim
prompto estou para marchar,
vamos lá, que ordens me daes?»—
—«Depois de dormir... jantar;
depois de jantar... dormir.»—
—«Mas a carta que eu trazia,
não fallava de prisão?»—

—Como! sabieis...»—

—«Sabia»—

—«E que tolice foi essa
de virdes ao regedor?»—
—«Vingar-me da sorte quiz,
dando as costas ás correias!»—
—«E vós ficaes eleitor,
quando as correias pedis!»—
. . . . . .
—«Inda outro papel na vida!
Vêde o que é ser mui feliz!»—
Pois são muitas as mudanças
que fazeis a vadiar?»—
—«Oh! muitas! porém amigo,
dizei-me, em que heide eu votar?»—
—«Amigo, vamos jantar;
e vereis que o meu *cartaxo*,
que é politico e bem velho,
vos dará o seu conselho.»—

—«Ei-a! jantemos! a pandega,
que eu julgava morta emfim,
por entre os votos do povo
renasça de novo em mim!

. . . . . .
. . . . . .
. . . . . .
. . . . . .

Deus o quer! e os novos brodios
vão surgir de novo emfim,
jantemos! renasça a pandega!
Deitae-me do *tinto* a mim!»—

CANTO VI

CANTO VI

O Carnaval

Entrudo! monstro informe, que se nutre
com chufas e traições e pós sem conta;
tem cabello de estôpa, armas de toiro,
e guizos de palhaço em cada ponta.

O rabo é de macáco, e tal 'spinota,
bicho atrevido na cosinha e sala;
ora salta, esbraveja, e guincha e morde,
ora sobre os maridos pula e estala.

Nos olhos a ferver fumega o vinho;
solta do peito em braza agudos ais;

na garra contraida, o amor travesso
faz caretas ás filhas, cega os pais.

Ai do homem que em terça feira gorda,
desejando esquecer a femea falsa
que n'alma lhe cuspiu,
quiz alivio encontrar na doida valsa,
e no *Caffé Concerto* ou *Circo Price*
um dominó vestiu.

O baile mascarado é uma orgia,
cada palavra um fósforo p'rigoso,
cada polka um delicto!
Onde faz de comparsa o pai zeloso,
onde a mulher é *dama das camelias*,
e um esposo é *palito!*

Preside á festa o contra-mandamento:
— *Cubiçarás do proximo a mulher,*
do teu amigo até! —
onde transborda em gotas a ferver
o veneno lethal do matrimonio,
da masc'ra de *glacé!*

Maldicta serpe que entalou Adão,
hoje armada com barbas e nariz,
tem logar d'honra ali.
E do Paraizo o anjo á porta diz:
— *Ó vós que entrais, deixae lá fóra a esposa,*
por que ha maçãs aqui! —

Gota a gota nas filhas da elegancia
cái a baba pestifera, nojosa,
desse monstro fatal!
Lá corróe o veneno a virtuosa;
lá se infiltra nas carnes palpitantes
do seio conjugal!

Ai do homem que em terça feira gorda,
desejando acalmar esta fadiga,
que se chama viver,
quiz afogar as magoas na barriga,
e no *Caffé Concerto* ou *Circo Price*
dansou, e ousou beber!...

Ai delle! que os seus amores,
tem no ventre o mausuléo,
e faz com vinho as exequias

ao coração que morreu!
Ai delle! que sem vergonha
todo o mundo tem por seu!

Vai findar o jantar dos dois convivas
nessa botica escura;
movem-lhe'a lingua, cada vez mais preza
palavras de ternura.
Sentados frente a frente, o bom *cartaxo*
em seus olhos se vê.
Nos gestos descompostos do borracho,
dão co'as ventas rozadas na cadeira,
não se firmam de pé.
Vamos fallas ouvir-lhe atrapalhadas,
de momento a momento intercortadas
por nova libação.

. . . . . .

. . . . . .

—«E toda a gente vos cria
no *Alto de São João.*»—

—«Pois não *'stiquei a canella*
Eu fui como este charuto,

que d'entre as chammas surgi,
apagado e mal enxuto!
Com bom fogo tinha entrado,
incombustivel sahi.

Desde essa noite medonha,
nunca mais dormi em casa;
perdi de todo a vergonha.
Declarei a guerra e crúa
á canalha dinheirosa;
e guerra fiz-lh'a teimosa!
hontem, bebado na rua;
hoje malandro e ladrão;
ámanhã, falso mendigo,
sem chapinha de latão.
Mas sempre andando comigo
restos da minha paixão.
Sempre andei nesta Lisboa;
por mil modos explorei
esses incautos humanos;
iam-me os cabos na pista;
eu farejava os dois manos
da mulher que tanto amei;
e na vida que eu seguia,

ora cautellas vendia,
ora furtando, passei.

Ha seis dias, pelo entrudo,
nesta Lisboa ruidosa
uma bella mascarada
entrava alegre e vistosa.
Dois figurões e uma bella,
sucios meus, todos de trem,
(Caetano, Braz e Manuella)
e um pastorinho tambem,
com florinhas no chapéo,
calção bordado a retroz,
—«E o pastorinho ereis vós?—
—«E o pastorinho era eu!—
.. ..
.....

Meu pobre pae! as tretas que me déras
nos meigos zurros de azinina esp'rança,
serviram de arranjar uma vingança,
prazer dos deuses, pae, que não tiveras!
Comprara-a pela fita, que guardavas!
por meus bigodes! pela eterna pandega!

por quarenta jantares! por cem *bicos!*
pelo melhor emprego ahi d'Alfandega!

. . . . . .

Quantas vezes nesses dias
da minha penada historia,
azininas alegrias
me assaltaveis a memoria!

Era em Lisboa, José,
dando em politica a lei;
meu mano é fidalgo, até;
um dia acaso o encontrei.

Que bella farda encarnada!
que lindo chapéo armado!
que vistosa trapalhada
sobre o seu peito adornado!

Que nedias faces lustrosas!
que barriga enorme e teza,
não tem panças mais vistosas
Lisboa em sua nobreza!

E nessas casas primeiras
dos nobres, que tem solar,
os pais de filhas solteiras,
lhe atiram ávido olhar

Negreiro, d'alma de breu,
em seus negocios bem duro;
adivinha-se o judeu
nas nigromancias do *juro*.

Sempre eleito deputado!
A inveja de cada bella!
No parlamento apoiado!
No seu partido uma estrella!

Viu-me e voltou depressa a cara. Vêde
a soberba, que nesse tolo havia,
que até o proprio irmão, com quem vivera
não conhecer fingia!

. . . . . .

Era chegada a hora. Alegre festa
de masc'ras femeas, de homens e barões,
de capilés e néves,

no palacio dos nobres Perdigões,
(Camilla Augusta da Trindade e os manos)
rematava-se em bons *comes* e *bébes*.
Tinham entrado com supostos nomes
Caetano, eu, Manuella
e Braz. Todos ahi
fidalgos e dos bons de Portugal;
a condessa d'aqui, barão d'ali,
dom fulano de tal.
Entre os dois Perdigões era sentada
condessa Manuella.
Dos meus fidalgos d'improviso ao pé
Camilla, a falsa e bella,
e o meu irmão José.

O puro chá da videira
nas boccas desparecia;
a lingoa preza e os olhos pequeninos,
os ditos já pouco finos
são cortejo do *Porto* e do *Madeira*.
Atropelam-se as fallas da nobreza,
trocam-se os brindes cheios de calôr,
abalroam joelhos sob a meza,
já se pisam os pés dizendo amôr.

— Por Camilla Perdigão
quem bebe agora sou eu! —
gritava assim meu irmão,
co'os beiços rôxos; bebeu.

— A saude dos amigos! —
— Dos inimigos tambem! —
— E de Francisco Bellem! —
— E de Caetano Avelar! —
— E de José d'Aguiar! —
— Da familia Perdigão! —
— E de quem vae ser barão! —
. . . . . .

— Ai! dona Camilla
e quando vos amava um tal... Roberto
d'Aguiar?... —
— Conheci-o!... e tu, visconde?
não te lembras? na praça da Figueira,
n'um quarto andar,
que tem na porta cruzes de parteira,
ha dez annos.... e mais.... ahi morava,
e que ha pouco nas ruas mendigava,
um Pedro d'Aguiar?

Não te lembras, visconde?...
—Lembro já!
era elle um miguelista bem casmurro;
um bom typo a que nós chamamos—*burro*—
de que ha muitos por cá.
Tinha dois filhos... bem me lembro agora,
que o mais velho, Roberto d'Aguiar,
me quiz desafiar,
por lhe tirar do lance alta menina.
Era um bom mocetão, estravagante,
e da sucia mofina.
Não casaram?—
—Jesus! era impossivel
descer Camilla
de pais illustres, como são os seus
até um leito de lençoes plebeus...
e de algodão!...
d'um miguelista parvo e pobretão!—
—E sabeis delle?—
—Sei, jaz enterrado.—
—Morreu? e não sabeis de que, nem quando?—
—Insultou-me, matei-o!—
—Perdigão?!...
foi o *velhinho* que o matou por vós?—

—Sabeis que sou valente; essa é de vinho,
sabem caçar pardaes os Perdigões,
prescindem do *velhinho*.—
—E não 'stalar de pena a vossa irmã?!...—
—Como? se o não amava?!
Ao saber que morreu, foi de manhã,
riu-se a mais não poder, e foi vestir
roupão côr de romã.—

—Ah! corja de tratantes!—lhes disse eu;
todos pasmados se callaram logo,
—Eu vos digo, senhor, quando morreu;
vou soccorrer-vos co'a memoria minha,
que estes nobres senhores
deram vinho de mais aos seus valores
nessa historia fatal... da carochinha!—

Ergueram-se vermelhos, espantados,
estupidos, boçaes, cambaleantes!
cabello sobre a testa! olhos pisados
de medo e vinho! as dextras palpitantes
sobre as panças replectas de carneiro,
que fazia nos ventres, o magano,
brincos de mano em casa d'outro mano!

— Pouca vergonha!...
Era um rugir acerbo e suffocado,
que lá de dentro vinha do carneiro.
— Um desafôro assim!... forte brejeiro!...
Expulsae-o! —

. . . . . .

Silencio da canalha!...
Eu espalhava em roda aquelle *gazeo*
que teve o bom Taborda no *Gymnasio*
quando na *Fabia* entrou do Chico Palha.
Cairam 'stonteados nas cadeiras,
foi de ventas a terra o Perdigão,
e rugiu: —Traição! —

Camilla eu abanei, que já dormia:
— Senhora! ouvi attenta a minha historia!
Ouvi tambem ó sucia de agiotas!
Por noite de janeiro escura e fria,
certa casa habitada
ás costas de gallegos foi mudada;
linda Camilla Perdigão soffría,
só porque a amava um joven sem real!...
Sabem caçar pardaes os Perdigões
mas fogem do pardal!

Quando entravam na casa os aguadeiros
para os fretes finaes,
foi dentro logo a porta da cosinha
com murro atterrador, horripilante
de um pobre, triste, e reforçado amante,
Roberto d'Aguiar!!
Vinha tarde, senhora!... vomitaes?!...
Que farieis, se ouvisseis tantos ais,
que dava o desgraçado
tropeçando no chão, n'uma cadella,
dando co'as ventas n'uma acceza vela!
Não ha dôr que semelhe aquella dôr!...
Para c'roar a obra, esses patifes,
que são vossos irmãos
foram sobre o infeliz, que se estendera,
batendo a quatro mãos,
e trinta vezes os bambus compridos
foram em suas costas estendidos!
Vingança de gallegos!... a cosinha
era casa de malta de aguadeiros!
Sabem caçar pardaes os Perdigões
mas são dois colxoeiros
sobre homem desarmado,
que escorregou n'um cão e que abraçado

ao colxão da mulher que tanto amou,
nem levantar-se póde; e que não sente,
mais que da tal velinha a céra quente,
ao pé do seu nariz que se queimou!

. . . . . .

Pouco depois o incendio repentino
devorava no Carmo um predio inteiro;
Roberto qual chouriço era ao fumeiro,
em quanto os tres irmãos d'ali fugiam,
no *fogo-posto* cumplices os dois,
pensando que o seu crime
vestigios não deixava no monturo
á vista mais sagaz e mais certeira,
e que teriam libras do *Seguro*
como tropheu de tanta maroteira!

— Ai! Jesus! — grita Camilla
Quem taes historias me trouxe?
— Ai! Jesus! venha... depressa...
um copinho *d'erva-doce.*

Eil-os erguidos como dois orates!
arrepellam as barbas e os cabellos!

nas faces mais vermelhas que tomates,
vê-se a chamma brilhar do *carcavellos.*

—Tu mentistes, patife! tu mentiste!
morra o bebado que a mentira traz!—
—Amigos! vós agora! segurae-os!—
e nisto mais ligeiros que malsins
os colheram ás mãos, Caetano e Braz.
—Que é isto?! vós amigos dedicados!
Eis a verdade emfim! somos roubados!—

Luctaram no estertor ao pé da meza;
era lambada teza,
e os copos a estalar!

—Miseraveis, quem sois?—
—Gente de bem.—
—E tu quem és?—
—Roberto d'Aguiar!—

Teve um desmaio Camilla
cahiram os Perdigões;
rouco o meu mano gritava:
—*ó da guarda! que ha ladrões!*—

Que hade fazer o pobre sem amigo,
que o vá tirar do Carmo á meia noite?
ha de aguardar das feras o castigo?
que fazer? sem irmão e já sem pae?
Ai!
Deve pôr-se — vae... não vae?...
Ai!

. . . . . .

Ai! foge, como eu fugi,
dando veloz á canella;
e Camilla, a falsa e bella,
desde esse instante a esqueci.

. . . . . .

Amigo, a noite passada
na taberna do *Magina*,
estando a ceiar pescada,
e trinta réis de feijão,
um moço se chega a mim;
da parte do Perdigão
um masso m'entrega; dentro
vejo esta carta a final;
ouvireis o essencial:
Roberto d'Aguiar quando isto lerdes
seremos já bem... *et cætera*... e tal...

. . . . . .

Dos *Martyres* ireis á freguezia
perguntae por José do Nascimento;
mostrae-lhe a senha inclusa (em propria mão)
que tem signal *d'irmão.·.*
Dizei-vos mensageiro do *Oriente*,
fallae na *Rosa Cruz*, na *branca luva*,
nos *filhos da viuva.*
Entrae afoito sem temer por vós;
dar-vos-hão um emprego, e bem rendoso
que vos juramos nós.

. . . . . .

. . . . . .

Vi a traição. Vim procurar tarimba
unico leito que o meu corpo aguarda,
que já estou farto de apanhar cacimba;
vêde o socego com que eu peço a farda!—

Escutára José do Nascimento
attento sempre a narração inteira;
ficára em pasmaceira.

Ergueu-se em pé:
—Tinheis razão, Roberto!

foi a traição que vos mandou aqui.

Adivinhastes! Agora
ao *Circo Price* correi;
ali sereis empregado,
não temais vingança atroz.
Cem cabos hei de eu fazer
para as novas eleições.
Vós sois grato! e desta sorte,
um dos cabos sereis vós! —

CANTO VII

CANTO VII

O Circo Price

Leitor: se queres gosar
vendo armado neste dia
em moço de estrebaria
o Roberto d'Aguiar,
illude a esposa ciosa
com esta engenhosa trica,
afaga-a com tres beijinhos,
diz que vaes á *Chafarica*
e vem hoje aos *Cavallinhos*.

Pois em quanto a esposa terna
os meninos adormece,

e deste mundo se esquece
no domestico regalo,
o marido adora a perna
da *voltigeuse* galante,
que salta luxuriante
sobre o dorso d'um cavallo.

Dentro do circo vistoso,
essas pintadas bellezas
arrastam as almas prezas
no seu aereo dançar,
e com seu riso amoroso
acendem paixões ardentes,
deixando os moços contentes,
e os velhos a suspirar.

Ali fura a *Motty* os arcos,
furando *as almas* tambem;
saltam áquem os amores,
quando a *Goetz* salta além;
por cinco tostões apenas
no circo pódes entrar;
estão oito horas a dar,
se queres, amigo, vem.

No principio da calçada,
que do *Salitre* se chama,
jaz a porta. Nós entramos;
venha bilhete e programma.

. . . . . .

Leitor, eu entro sosinho,
fica ahi no meio da rua,
e vae namorando a lua,
que tudo te hei de contar.
Convidei-te, bem o sei,
mas do *D. Jayme* o author
tambem convida o leitor
e o deixa á porta ficar.

O povo que ali se apinha
é de festa o grande indicio,
que nesta noite os palhaços
fazem o seu beneficio.
Os janotinhas da *baixa*
applaudem as mil momices,
as engraçadas tolices
De *Whittoyne*, *Alfan*, e *Secchi*;
pois quem não hade folgar
vendo os iguaes a brilhar?!

Corria alegre e ruidosa
a tentadora funcção;
o *Price*, a *Holle*, o *anão*,
a *Monfroid* voluptuosa,
tudo no circo brincava
naquella noite de festa,
naquella noite funesta!
Dançava a gentil *Mathilde*
transformada em andaluza,
repicando a castanhola,
dava aos amores as leis,
ao som do bumbo estrondoso
da banda do *Dezeseis*.

No circo andava Roberto,
e do chicote os estalos
sempre o traziam correndo
a conduzir os cavallos.
De lacaio tinha a farda,
de muito alegre matiz,
casaco largo e singello
de fazenda grossa e parda,
debroado de amarello,
que sobre o pardo bem diz.

A bota até ao joelho,
cizento e sujo o calção,
que por desleixo ou por velho
deixa ver da carne um pouco;
completava o traje seu
de bezerro o cinturão;
tal o achei no circo, eu.

Em torno delle saltavam
os *clowns* endiabrados;
ali no circo o estenderam
entre os arcos já rasgados,
e elle a rebolar no chão!
E um rir nervoso e estupido
espargia em derredor!
subiam-lhe á mente acceza
lembranças do seu amor!
e na lucta desigual
os seus calções se rasgaram
naquella noite fatal!

Os paes já mandam que as filhas
os olhos tapem co'o leque;
mas ellas envergonhadas

davam convulsas risadas,
vendo escapar-se ligeiro
o aturdido aventureiro
co'as... faces afogueadas.

A *Holle*, gentil rainha,
chega a pôr ao pé da gente
do seu cavallo a patinha;
e atirando aos infelizes
co'o mais desdenhoso olhar,
e voltando a galopar,
como quem póde e não quer;
e o rancho dos namorados
ficou de peito a ferver,
e no ar as luvas sacóde,
como quem quer e não póde.

Alguns vi mais calorosos
cheios de amor ou de vinho,
esp'ral-a vertiginosos,
pôr-se em mangas de camiza,
e tapetar-lhe o caminho
com seus casacos ditosos.
E a roza das amazonas

tão seductora a trotar,
a sorrir-se olhando o chão,
e taes desvelos pagar,
rasgando o fato estendido
co'as patas do seu lazão,
naquella noite fatal
de tão vistoso arraial,
de tão bizarra alegria!
Vi os outros murmurando
da delirante folia!
Não sei se tinham razão.
Dos *feitos* da sympathia
é juiz o coração.
Quem receia constipar-se
ao ver a *Holle* a trotar,
quando o sol daquelle olhar
nos vem pôr em combustão?

Se essa noite eu não tocisse
talvez o fraque despisse.
. . . . . .
. . . . . .
No fim da parte primeira
aos camarins dos cavallos

vão janotas e o povinho;
e eu seguia o meu caminho,
passeando triste e só;
roçando nas amazonas
meu cinzento paletó.
Ouvi fallar em Roberto...
fiquei suspenso!... parei!...
era conversa animada
de dois ginjas hervanarios,
e tres gordos boticarios;
que cinco vultos contei.

Roberto o desventurado
dava aos cinco tal cuidado
que assim diziam:

—«Se o vi,
hoje á porta do *Toscano*,
de casaco de bom panno,
bom chapéo e boa calça,
e luvinha côr de salsa!»—
—«Anselmo, que te enganaste!
hontem inda o refractario,
engrolava a ladainha

pelo largo do *Calvario*,
descalço e rôto a pedir!
—«Não ha tres dias no Porto
se encontrou o aventureiro!»—
exclamava em voz roufenha
o senhor José Mathias.
—«Não póde ser em tres dias
heróe de tanta façanha.»—
—«Como sois esperto e arteiro,
senhor Varella! pois bem
vou contar-vos uma historia,
em que todos podeis crêr,
mas que eu não posso intender!
Antes de hontem... quarta feira,
(ainda o que eu vou dizer
me dá voltas ao miôlo!)
fui sentar-me ao noitecer
n'um banco das *Amoreiras*.
Pediu-me esmola um mendigo.
Depois tornei a encontral-o,
e quando eu ía assoar-me,
o lenço tentou furtar-me,
e conheceu-me, e fugiu
a toda a brida!... Pasmei!

Inda o vi, mas não me viu,
ao *Rato*, no chafariz,
impingindo aos aguadeiros
com a giria dos cautelleiros
cautellas de meio tostão!
vinha diante de mim,
perdeu-se na escuridão!
Eu vinha pois aturdido,
lançando em torno o meu *gazeo*,
quando á porta do *Gymnasio*,
a mesma voz e outros trajos
se me apresentam diante!
Corre a mim o meliante,
mostra na mão um bilhete,
grita em agudo falsete:
— *quer geral ou vende algum?*—
Tremí, benzi-me e rezei!
Pois vi-o em menos d'um'hora:
mendicante-ratoneiro
e galopim-cautelleiro!!
E duvidei muita vez,
e a mim mesmo perguntei:
Seriam quatro?... talvez!
Serei eu bruto?... não sei!»—

—«Os seus signaes?»—
—«Alto e grosso,
e cabello negro e longo;
bigode preto-carvão;
olhos pardos, nariz rombo,
e modos de fanfarrão.»—
—«É elle!— gritaram todos.
—«E veiu ao circo parar!»—
—«Talvez por fatalidade
nos oiça agora fallar.»—

Eu que ouvira a historia toda
fui meu nariz apalpar,
e o meu cabello cortado;
não estivesse em mim tornado
o Roberto d'Aguiar.
De mais eu desde pequeno,
temo as almas do outro mundo.
Ao poeta o céo sereno
nada lhe quiz occultar
nas horas do seu rimar!
Mysterioso cordel
o transforma a todo o instante!
é figura de borracha,

que não tem nariz constante!
nos verbos tempos não acha,
todo o passado é presente;
e nos seus passeios mil,
não sei porque estranha via,
vem da Russia á Trafaria,
sem ter um ferreo carril!
São prova do que se diz
deste meu canto os versinhos.
Quem deixa o *Egas Moniz*,
para ir aos *cavallinhos;*
e n'uma noite d'inverno
deixa o seu leitor ao vento
só por vêr o fardamento
do Roberto d'Aguiar;
e diz que viu, como eu vi
e que ama como eu amei,
suspiros que eu não senti,
carinhas que eu não beijei;
não pode levar a mal,
se o cordelinho fatal
o fizer no mesmo dia:
mendicante-ratoneiro,
e *galopim-cautelleiro!*

Não sei se foi covardia
pois o circo abandonei,
fui-me safando, e marchei.

Que bella apparencia não tem o *Penim!*
Que portas tão juntas da tasca afamada!
jardim tão formoso de gratos aromas,
começa a tentar-me... co'a porta da escada!

As portas do templo que chamam *Penim*
são bocas de fada, que ao doce prazer
convidam; diz uma aos lacaios—entrae—
diz a outra aos tafues—vinde o peito aquecer!—

Penim! Deus te guarde por annos sem conta,
prezado *retiro* da nossa alegria!
Teus lumes brilhantes, em trevas a rua!
cá fóra silencio! lá dentro folia!

. . . . . .

Na porta da escada busquei eu passagem,
que alfim me levasse do vinho á mansão;
achei-a risonha! de loiro vestida!
Pedi costelletas, seis ostras e pão.

Ali se projecta do vinho a luzerna!...
Que murros são esses com tanto furor?
Sentei-me n'um canto!.. cheguei-me á cortina!...
Lá dentro!.. Lá dentro!.. Lá dentro!.. Que horror!..

CANTO VIII

CANTO VIII

O bebado

Ai!
vem,
leitor,
vem comigo;
pódes amigo
entrar no *Penim;*
vem afogar em vinho
desse teu viver a magoa;
a vida é barco á tona d'agoa,
só navega com vinho e amôr:
encontras no *Penim* pinga afamada,
e ternos sorrisos e peixe e sallada.
.Tres vultos em orgia que ali estão sentados
vês despejando os copos cantando emborrachados.

Nota.
Repare o leitor,
que o meu extro aqui foi rico;
como a scena é de taberna
armei os versos em *bico.*

«Mais vinho! que a pinga é boa!
Mais vinho! que ha *chelpa* aqui!
se o vinho nos pucha as lagrimas
primeiro cá dentro ri!
É carnaval na quaresma,
é quaresma no *Peni!*

Fogão que nos tira o frio!
frio que extingue o calor!
é sorvete a refrescar-nos!
é de papa um cobertor!
dá trevas á magoa acceza,
luz á candeia do amor!

Eu quero um *bico* mui longo,
que me pesque um Cherubi;
do céo as scenas brilhantes
só se gosam do *Peni!*
Mais vinho! que a pinga é boa!
Mais vinho! que ha *chelpa* aqui!

Come, Isabel! vê se entornas
o *sino grande!*... Leonor!
tens as goelas fechadas?

dilata-as, dá-lhe calor!
Bebei, parodias d'Aspasias!
Contrabandistas do amor!

Ai que amor, ai que ternura
tinge o meu sujo peitilho!
Se Deus no céo me encaixára,
e me adoptasse por filho,
viria do céo ás noites,
beber aqui um quartilho!» —

Vêde o retrato do ebrio: Musculoso!
Quente suor inunda o seu carão!
No rosto requeimado impresso o vicio!
Os modos e o fallar de fanfarrão!

A testa longa, larga e descaida!
antigo mausuleu de mil segredos!
negro o cabello, e a barba comprida e aspera,
conhecel-o, leitor, como os teus dedos!

Foge á sanha feroz dos agiotas!

todas suas pesquizas são por ti!
com teu mano José, sabe, Roberto,
vae cazar-se Camilla, e estás aqui?

— «Mais vinho! que a pinga é boa!
E agora, minha Guiomar
Quero vêr-te ao pé de mim sentar!
Não me cantas a tua *lenga-lenga?*» —

Isto canta a Guiomar:

— «Viver na terra engeitada,
sem ter marido nem pae!
Ai!...
Ser a preza desses brutos,
Que bebem de mais á ceia!
Eia!...
Que tristeza! que supplicio!
Tão pobre! misquinha e só!...
Oh!...
Vêr no espelho um desengano!
O que eu sou, e o que eu já fui!...
Huì!...» —

CANTO IX

CANTO IX

A final de contas

Seis dias passaram. No setimo dia,
depois dessa farça que eu vi no *Penim*,
á porta da Sé de um caleche descia
linda noiva ornada de branco setim.

E no adro entre o povo se avista gritando
Roberto mui cheio de vinho e genebra;
as pernas lhe tremem, e ao corpo lhe faltam.
Por um triz que as ventas na lagea não quebra.

E nas escadas cahiu
ao pé da noiva tão bella;
mirou de roda um instante,
e nem tugiu nem mugiu.

Horas depois reinava a patuscada
e passavam dos actos celebrados
a festa de barriga, os despozados,
sobre meza do *Matta*, bem ornada.

Era o mez das colheitas. Barão feito
depois de tanto tempo andar á tuna,
gosa o negreiro os mimos da fortuna,
e chovem-lhe as commendas no seu peito!

Como espolio de boda tão fallada
um bebado ficava exposto ao vento,
tinha as pedras da rua por assento,
por folgasão cortejo... a garotada!

Que mais querem de nós? apoz tão dura
proeza d'agiota, ebrio de gloria?

apagaram acaso a negra historia
com mil commendas? Que nos quer a usura?...

Quer insultar o velho Portugal,
que verga sob o juro, que o deprime!
Maldizei o meu nome, heroes do crime!
Defendei o meu canto, ó *Lei Penal!*

FIM

INDICE

—

Ao leitor 7

Cartas . . . . . { 9 / 11

A Lisboa 13

CANTO I — Flores da Baixa 19

CANTO II — Os incendios do coração 37

CANTO III — A vela 65

CANTO IV — Doze annos de agonia 83

CANTO V — Hoc opus hic labor est 107

CANTO VI — O carnaval 131

CANTO VII — O Circo Price 153

CANTO VIII — O bebado 169

CANTO IX — A final de contas 175

PQ
9261
R75R6

Roussado, Manuel
Roberto

PLEASE DO NOT REMOVE
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY

UTL AT DOWNSVIEW
D RANGE BAY SHLF POS ITEM C
39 10 04 25 02 011 5